

## OLHAR DO CRONISTA, REGISTRO DA MEMÓRIA

### *Look chronicler, memory Record*

*Angela Maria Dutra da Silva Senra\**

*Elzira Divina Perpétua\*\**

**RESUMO:** Propomos apresentar a pesquisa “Rastros da memória literária em crônicas dos jornais marianenses dos séculos XIX e XX” (PERPÉTUA, 2015), que tem como fonte um acervo de periódicos da cidade de Mariana (MG), hoje sob a guarda do Centro de Pesquisas Linguagem, Memória e Tradução do ICHS-UFOP. Dada a evidente relação desse acervo com a memória sociocultural da cidade, nossa pesquisa, em andamento, volta-se objetivamente para identificar e selecionar crônicas literárias publicadas nos periódicos, com a subsequente análise em sua correlação com a memória da região, sob as bases de um significativo material teórico sobre esse gênero. Assim, com vistas a adentrar no passado memorial da cidade de Mariana, apresentaremos o resultado parcial da nossa investigação, que tem proporcionado o conhecimento acerca da crônica; e do registro memorial dessa cidade em razão de sua importância no cenário histórico, social e cultural de Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Jornais marianenses; Crônica; Memória

**ABSTRACT:** *This work is aimed at presenting the research Rastros da memória literária em crônicas dos jornais marianenses dos séculos XIX e XX (Traces of literary memory in chronicles of Mariana’s journals in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries) (Perpétua, 2015). It is sourced from a collection of journals in the town of Mariana, Minas Gerais, which is currently under the care of the Center for Research, Language, Memory, and Translation of the Institute of Social and Human Sciences of the Federal University of Ouro Preto<sup>1</sup>. Given the sensible relation of this collection with the town’s sociocultural memory, this work, under way, focuses on identifying and selecting literary chronicles published in those journals, subsequently analyzing their correlation with the memory of the region based on a significant theoretical material on this genre. Thus, under the purpose of immersing in Mariana’s memorial bygone, it will partially present the outcome of the investigation, which has provided knowledge on the genre chronicle and the memorial record of this town due to its significance in the historical, social, and cultural setting of Minas Gerais.*

**Keywords:** *Marianenses Newspapers; Chronicle; Memory.*

---

\* Aluna de graduação da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil; adutradasilva@yahoo.com

\*\* Professora Adjunta do Departamento de Letras, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, Brasil; elzira@ichs.ufop.br

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (ICHS-UFOP).

### **Introdução: a crônica no acervo de jornais marianenses**

A ideia de estudar as crônicas publicadas em jornais da cidade de Mariana (MG) vem sendo concretizada através da pesquisa *Rastros da memória literária em crônicas dos jornais marianenses dos séculos XIX e XX* (PERPÉTUA, 2015), que teve início a partir de 2014 com o Projeto Pró-ativa *Organização do acervo de jornais marianenses do século XX para o ensino da língua portuguesa e literatura* (MENEZES, PERPÉTUA, MENDES, 2014), depois expandido sob o título *Organização do acervo de jornais marianenses dos séculos XIX e XX para o ensino e pesquisa no curso de Letras e áreas afins* (PERPÉTUA, MENDES, 2015), do qual participa uma equipe de graduandos do curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, com vistas à digitalização, catalogação e organização desse acervo. Nossa investigação a respeito das crônicas jornalísticas voltou-se para esse acervo por constatar seu importante vínculo com a memória sociocultural da cidade de Mariana, principalmente nos aspectos que norteiam o campo literário.

Assim, o projeto se centra em pesquisar o conteúdo do acervo de jornais marianenses do século XIX até final do século XX, voltando-se para a análise das crônicas literárias ali publicadas e na busca de sua relação com a memória da cidade. Tal objetivo, por sua vez, levou-nos à realização de leituras teóricas sobre os elementos constitutivos da crônica literária, à identificação da crônica nos jornais objetos da pesquisa e à análise das crônicas em sua correspondência com a memória marianense.

Como parte desse acervo de jornais encontra-se ainda em processo de catalogação, não foi possível a essa investigação abarcar todos os periódicos. Para alcançar tal intento, além do esforço pessoal, será necessário que todos os exemplares sejam digitalizados, uma vez que a fragilidade do material impresso, por sua antiguidade, impede que ele seja manuseado.

A metodologia da nossa proposta consistiu, em um primeiro momento, na familiarização com as crônicas contidas nos periódicos do acervo e na verificação da presença ou ausência de crônicas, conforme apresentamos a seguir. Os títulos e respectivas datas dos períodos já disponibilizados e nos quais pesquisamos as crônicas encontram-se aqui elencados:

1. *O Romano*. nov. / 1851;
2. *Estrella Mariannense*. mai. / 1880;

3. *O Caramuru*. jul. / 1916;
4. *O Porvir*, “Folha imparcial, literária e noticiosa”. mai. / 1923 - jun. / 1924;
5. *O Mariannense*. jul. / 1923;
6. *Agulha*, “Jornal Informativo Comunitário. 01 Edição. ago. / 1923;
7. *O Campal*, “Órgão humorístico, noticioso, quinzenal e dedicado à Elite local”. set. / 1923;
8. *O Mariannense Foot - Ball Club*. jul. / 1928;
9. *O Guarany*, “Órgão oficial do Guarany Foot - Ball Club”. mar. / 1931 - dez. / 1987;
10. *O Mineiro*. jun. / 1935;
11. *Horas Vagas*, “Órgão das classes anexas ao Colégio Providência”. nov. / 1937;
12. *Boletim Municipal*, “Órgão dos atos municipais da Prefeitura”. dez. / 1937 - jun. / 1940;
13. *Salve Rainha*. mai. / 1938;
14. *O Bem - Te - Vi*, “Órgão dos alunos do 4º ano do Grupo Escolar ‘D. Benevides’”. nov. / 1938;
15. *Arquidiocese de Mariana*. 1952;
16. *Academia Mariannense*. nov. / 1962 - jul. / 1973;
17. *Seleções Estudantis*, “Órgão oficial da União Estudantil Marianense”. mar. / 1964;
18. *Jismar*, “Jornal Informativo do Seminário de Mariana”. jun. / 1977 - ago. / 1982;
19. *Voz de Mariana*. jul. / 1983 - out. / 1988;
20. *Informativo XV de Novembro*, “Órgão oficial da Sociedade Musical União XV de novembro”. ago. / 1985 - jan. / 1986;
21. *Folha da Folia*, “Informativo dos Associados do Grêmio Cultural Folia Nossa”. ago. / 1986 - ago. / 1988;
22. *Informativo Cultural*, “Órgão oficial do GREFITE – Seminário Maior”. mar. / 1987 - abri / 1987;
23. *Informativo Delet*. jul. / 1988 ;

24. *Rio Carmo*, “Propriedade do Partido Republicano Municipal”. dez. / 1991 - jul. / 1902;
25. *Notícias Extras*, “Informativo da Prefeitura Municipal de Mariana”. 1992;
26. *Informativo da Arquidiocese de Mariana*. jan. / 1994 - abri. / 1994;
27. *Carumbé*. mar. / 1994 - dez. / 1995;
28. *Jacaré Notícias*. abri. / 1994 - jul. / 1994;
29. *Pastoral*. jun. / 1994 - jun. / 2009;
30. *O Plenário de Mariana*, “Órgão informativo da Câmara Municipal de Mariana”. 1995 - dez. / 2006;
31. *O Corredor*. ago. / set - 1996;
32. *Poetas*, “Veículo alternativo para divulgação da Poesia”. jun. / jul. - 1997;
33. *Movimento*, “Órgão oficial de Informação e Mobilização dos Mineiros \_ Sindicato Metabase Timbopeba”. jul. / 1997;
34. *Suplemento de Poesias*. set. / 1997 - ago. / 1997;
35. *De Olho na Notícia*, “Jornal do Instituto do Desenvolvimento Infantil Bloquinhos mágicos”. dez. / 1997 - 2008;
36. *A Comunidade Renasce*. dez. / 1998 - abri. / 1999;
37. *Paróquia Assunção Informa*, “Jornal da Paróquia Nossa Senhora da Assunção de Mariana (MG)”. jan. / 1999 - jul. / 2007;
38. *Aldrava*, “Alternativo Lítero - cultural”. nov. / 2000 - ago. / 2007;
39. *Só Sport*. mar. / 2001 - dez. / 2002;
40. *Gazeta de Mariana*, “Informativo da prefeitura de Mariana”. set. / 2006 - dez. / 2013;
41. *Mariana*. nov. / 2007;
42. *Diário de Mariana* “A verdadeira voz do povo”. fev. / 2008 - ago. / 2008;
43. *Território*. ago. / 2008 - jun. / 2013;
44. *O Tempo dos Inconfidentes*. abri. / 2010 - ago. / 2012;
45. *O Espião*. nov. / 2011 - dez. / 2011;
46. *Nosso Jornal*, “Informativo mensal dos servidores da Prefeitura de Mariana”. jul. / 2013 - mai. / 2013;

47. *O Marco*, “Órgão de Comunicação do Comitê Marco Mol”. Ano não informado.

O primeiro contato com o acervo digitalizado nos possibilitou constatar que o periódico mais antigo – *O Romano* – data de meados do século XIX, 1851, e o mais recente – *Nosso Jornal* – a nós se faz contemporâneo, 2013. Ao nos atentarmos ao conteúdo de tais periódicos, constatamos que uma importante parcela destes manifesta uma tendência católica, como *O Romano* e *Salve Rainha*; outra parcela, uma tendência política, como o *Estrella Mariannense* e *O Caramuru*; ou, ainda, pode revelar uma vinculação com algum órgão, como o desportivo *Só Sport* ou o administrativo *Gazeta de Mariana*. Nesses periódicos não foram encontrados escritos cronísticos. Já nos periódicos mais imparciais, de conteúdo mais vário, como *O Porvir* e *A Voz de Mariana*, há uma suscetibilidade às crônicas. Para essas primeiras constatações foram imprescindíveis as leituras críticas e teóricas a respeito do gênero crônica, o que possibilitou a identificação da crônica literária.

### **1 A crônica como texto literário**

Concomitantemente à leitura do acervo, iniciamos a sequência de estudos do referencial teórico e crítico: o artigo “A Vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido; o ensaio “Drummond e o livro inútil”, de João Adolfo Hansen; o livro introdutório sobre o gênero denominado *A crônica*, de Jorge de Sá; os ensaios da volumosa publicação intitulada *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, de Antonio Candido et al; e, por fim, o didático *Crônica na sala de aula: material de apoio ao professor*, de Cilza Bignotto e Noemi Jaffe.

O primeiro e mais importante desse referencial é o brilhante artigo “A Vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido, que foi publicado em diferentes obras desse crítico, como em *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (1992), em *Recortes*, citado aqui em sua quarta edição (2004), e na coletânea didática *Para Gostar de Ler*, no volume quatro, dedicado à crônica. Devido à extrema representatividade que tem esse escrito para esta pesquisa no que tange os aspectos inerentes à formação de um parâmetro sobre o que pode ser uma pesquisa sobre o gênero crônica; e considerando a

sua importância no meio acadêmico – é um texto pioneiro e citado por vários estudiosos do assunto – demos a ele um lugar de destaque.

Candido inicia o seu texto atribuindo à crônica a qualidade de “gênero menor” (CANDIDO, 1980, p.5); não no sentido pejorativo, mas por sua utilização de uma linguagem simples e acessível, longe dos rebuscamentos tradicionais, por colocar a literatura no nosso cotidiano e também por se ocupar dos assuntos da vida, poetizando-os. Candido nos convida a refletir sobre os aspectos inerentes a essa modalidade de texto literário, como o papel de “quebra do monumental e da ênfase” (CANDIDO, 1980, p.5), por estar muito próximo ao cotidiano; a sua vocação para incidir no leitor um olhar autêntico e reflexivo sobre a realidade; e a sua capacidade de prestigiar o simples. Segundo ele, a crônica “é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.” (CANDIDO, 1980, p.6)

O autor atribui essa despreensão ao fato de a crônica ser oriunda do jornal e do tempo ansioso das máquinas, o que dá a ela uma transitoriedade e uma despreocupação em conservar-se na memória literária, bem como uma “perspectiva do simples, do rés-do-chão.” (CANDIDO, 1980, p.6) Esse posicionamento lhe permite sondar o cotidiano, e revelá-lo sutilmente a nós. Mais à frente, o autor se corrige: “ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há um cento e cinquenta anos mais ou menos.” (CANDIDO, 1980, p.6).

Iniciando uma abordagem sobre a história da crônica no Brasil, Candido a considera brasileira e atribui isso à sua maneira fácil e singular, por meio da qual ela se adaptou e se desenvolveu no país. Segundo ele, antes de ser identificado por crônica, o gênero era conhecido como “folhetim” – texto que tratava sobre política, sociedade, arte e literatura, publicado e localizado na parte inferior de um jornal. Isso em meados do século XIX. Gradualmente, o folhetim ficou pequeno no tamanho e ganhou ares espontâneos, juntos dos quais se seguiu um estilo ligeiro. Nesse trajeto, a crônica foi deixando de lado o propósito de noticiar e emitir comentários, passando ao intuito de entreter, o que resultou em uma linguagem criativa, inspiradora e de fácil compreensão, despida do comprometimento político-social. Desse modo, Candido credita a essa origem o fato de a crônica moderna tematizar o simples, usando de humor e poesia.

Em seguida, o estudioso nomeia os escritores do século XIX e início do século XX aos quais ele considera como aqueles que concorreram para que a crônica se consagrasse como a *singularidade* do jornal brasileiro. São eles José de Alencar, Francisco Otaviano, Machado de Assis com o “artigo leve”; França Júnior com o “incremento de humor e certo toque de gratuidade”; Olavo Bilac, o “mestre da crônica leve”, que introduziu brasilidade na escrita, com “simplificação e naturalidade”; e João do Rio com seu “esnobismo, humor e sarcasmo”. Naquela época, o gênero havia realizado a façanha de promover, no âmbito da literatura, uma forma de expressão descomplicada e natural.

Nesse artigo, publicado originalmente no início dos anos 1980, Candido afirma que o gênero apresenta um forte prestígio, o qual “é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita” e tem um “tom menor de coisa familiar” (CANDIDO, 1980, p.8). Segundo suas palavras, os anos de 1930 testemunharam a definição e a consolidação da crônica moderna no Brasil como genuinamente nossa. Dessa década e das subsequentes, ele recorda os escritores e suas peculiaridades e aponta que entre eles “há um traço comum: deixando de ser comentário argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas.” (CANDIDO, 1980, p.9)

Entre esses escritores, o autor lembra Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, citando algumas de suas crônicas, a fim de ilustrar como se apresentava o gênero e nos apontar algo que as une: uma despreocupação com as palavras aliada a um poder de penetração na alma humana e na sociedade. Em meio aos exemplos, ele nos mostra que o jeito simples, breve e divertido da crônica abre-nos os sentidos para as coisas da vida, significa o insignificante. Todos os fatos da experiência humana, dos mais sérios aos mais alegres, são passíveis de serem tomados como assunto pelo gênero, que, por estimular em nós a imaginação, coopera para o nosso amadurecimento.

Por fim, Candido declara haver na nossa crônica uma espécie de sintonia entre os escritores. E explica: “É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo.” (CANDIDO, 1980,

p.13) Para ele, o gênero no Brasil é forte e capaz de perceber com precisão o mundo e os homens.

O segundo texto estudado, “Drummond e o livro inútil”, é um ensaio crítico de João Adolfo Hansen, que consta como posfácio à obra *Confissões de Minas*, de Carlos Drummond de Andrade, edição de 2011. Nesse posfácio, o autor avalia minuciosamente, sob louvores, os escritos de Drummond – dentre estes, a crônica – e elogia, dentre outras coisas, a sabedoria do cronista-poeta, seu conhecimento incomum sobre a vida brasileira aliado a um talento para transformar a insignificância em originalidade por meio da crônica.

Ativemo-nos também à pequena obra *A crônica*, da autoria de Jorge de Sá, na qual o autor salienta o mérito que tem o gênero, esclarecendo precisamente as delimitações da crônica no que tange os seus aspectos como uma construção organizada da exposição dos acontecimentos. Feito isso, ele instaura um processo de investigação e estudo dessa modalidade textual, trazendo como exemplos exímios cronistas brasileiros, dentre os quais figuram os nomes de Rubem Braga, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade.

Estudos variados sobre a crônica foram reunidos no volume intitulado *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, organizado por Antonio Candido e outros, como resultado de um seminário ocorrido nos anos 1980 sobre o gênero. Os variados artigos percorrem a história da crônica, voltando-se para a sua descrição, compreensão e caracterização, principalmente para uma evolução do gênero no Brasil. Já na introdução do volume, deparamo-nos com o já referido “A vida ao rés-do-chão”, de Antônio Candido. No segundo capítulo “Origens, definições: crônica & viagem, crônica & história, crônica & jornal”, ao qual nos ativemos, Jorge Fernandes da Silveira retoma os primórdios da literatura portuguesa e os cronistas desde Fernão Lopes a José Saramago; Luiz Costa Lima passa pelos relatos de viagem dos séculos XVI e XVII, pela história da literatura, e faz considerações sobre a modernidade e os seus encadeamentos literários; Margarida de Souza Neves, lembrando Machado de Assis, promove uma reflexão sobre a crônica carioca da virada do século XIX para o século XX e seus cronistas; e Marlyse Meyer volta-se para a volatilidade e versatilidade do folhetim e para o seu percurso da Europa ao Brasil, caminho livre, segundo a estudiosa, para o desabrochar da crônica.



Mais recente, a publicação de Cilza Bignotto e Noemi Jaffe – *Crônica na sala de aula: material de apoio ao professor* – é dividida em oito capítulos, caracterizando-se como uma espécie de súmula do “programa Crônica na sala de aula”, fomentado pelo Instituto Itaú Cultural em 2002, e constitui material de apoio ao docente do ensino Fundamental II e Médio com vistas a estimular a leitura, valorizar a literatura no contexto da educação formal e difundir o gênero crônica.

O estudo da bibliografia específica proporcionou o conhecimento teórico sobre a crônica como gênero literário, além da comparação de variadas crônicas e cronistas de diferentes épocas, facultando nossa iniciação na identificação e análise das crônicas nos periódicos objetos de nossa pesquisa.

### **À guisa de conclusão: análise de uma crônica**

Na edição de lançamento do jornal *Voz de Mariana*, de abril de 1987, a sessão “Crônica do dia-a-dia” apresenta o texto “Nefelibatas – Habitantes das nuvens e política mineral das Gerais”, assinado por Israel Quirino. Tendo como *locus* um restaurante da capital mineira, Belo Horizonte, no qual o cronista e o amigo, Rogério, tecem considerações sobre a política mineral de Minas Gerais, é digna de nota, no parágrafo inicial, a descrição do ambiente à qual se segue o tema da crônica, em tom de conversa, inicialmente despretensiosa:

Estávamos os dois em restaurante da capital. O sol lá fora era de um amarelo intenso que agredia os nossos olhos, forçando-nos ao desconforto dos óculos escuros pesando sobre o nariz. Fazia um calor de sete infernos. Almoçávamos acompanhados de uma cerveja bem gelada e de preço descongelado. O diálogo durante a refeição transcorria sobre banalidades do dia-a-dia, voltando sempre para o tema central que ali nos unia: literatura de Minas. (QUIRINO, 1987, p.4)

Nesse fragmento, percebemos a expressão “Fazia um calor de sete infernos” denotando tanto uma metáfora quanto uma hipérbole, figuras de uma linguagem literária. Do mesmo modo, no trecho “Almoçávamos acompanhados de uma cerveja bem gelada e de preço descongelado”, o autor usa da antítese, outra figura de linguagem. Ambas as expressões já introduzem o humor com que a crônica será composta. Além disso, por meio da construção “O diálogo durante a refeição transcorria

sobre banalidades do dia-a-dia, voltando sempre para o tema central que ali nos unia: literatura de Minas.”, ele ressalta a casualidade da situação na qual se encontram.

No segundo parágrafo, o autor relata alguns fatos decorridos durante o almoço:

Tudo estava muito bem até que Rogério fincou o garfo sobre um último pedaço de filé que estava na travessa, ainda fumegante e fez uma cara de reclamação e protesto: “De pensar que temos o maior rebanho bovino do país e eu tenho que comer esta carne europeia, que nem sei de onde vem.” Fiz uma expressão de espanto. Até então não sabia que a carne era importada. E, com humor, fiz a ela uma reverência em três idiomas diferentes, um deles deveria ser compreendido por aquela tenra fatia bovina que ingeríamos. E logo em seguida completei: “Mas o aço da faca que a corta é cem por cento mineiro”. (QUIRINO, 1987, p.4)

Analisando o trecho acima, percebemos que, quando o amigo revela que a carne bovina que se come aqui em Minas Gerais é importada, o autor mostra-se surpreso e ironiza: “Até então não sabia que a carne era importada. E, com humor, fiz a ela uma reverência em três idiomas diferentes, um deles deveria ser compreendido por aquela tenra fatia bovina que ingeríamos.” Em seguida, ele observa atentamente a faca usada pelo amigo para cortar a carne durante o almoço e articula essa observação de modo a voltar-se para o aço mineiro, utilizado mundialmente em larga escala: “E logo em seguida completei: ‘Mas o aço da faca que a corta é cem por cento mineiro.’ ”

Mais à frente, no sétimo parágrafo, lemos:

Levei os olhos ao jornal. Será que aquela política de se cobrar novas tarifas sobre o minério de ferro traria algum benefício à nossa cidade? Eu nunca havia pensado nisso. Mariana crescia, é fato incontestável, mas a que percentual? Parecia ver a cidade se enriquecer e na verdade ela está se empobrecendo. Suas jazidas acabando... Ora, argumentei, ainda teremos minério por muitos anos... E eu mesmo me contradisse: e nossos filhos? Onde irão trabalhar? Qual será a fonte de renda deste lugar quando o minério de ferro se exaurir por completo? Bem... poderemos oferecer os buracos no chão à visitação pública: “Restos de uma próspera civilização mineradora de ferro que não soube lutar pelos seus interesses”. (QUIRINO, 1987, p.4)

Esse trecho mostra a reação do cronista diante da notícia que leu em um jornal que tinha em mãos sobre a criação de uma nova política para o aço, proposta pelo novo governador de Minas. Quirino questiona, reflexivo, a legitimidade dessa política, que não abarca uma atenção para com o futuro econômico da cidade de Mariana. Ademais, ele também se vale de ironia quando sugere que os buracos no solo marianense,

consequências futuras da extração do minério de ferro, poderiam ser uma espécie de atração turística da cidade. No último parágrafo, o autor tece as linhas conclusivas da crônica:

Olhei para o Rogério, ele parecia ler meus pensamentos e concordar com eles... “Escreva isso para o seu jornal”. Ordenou. E eu fiquei incerto. “Não somos chamados mesmo de ‘habitantes das nuvens’ só por fazermos poesia. Se algum dia falarmos de temas econômicos estaremos fazendo algo de novo e todo principiante é desculpado, certo?” Concordei com ele e aqui está o que pude transcrever desta conversa. Creio que pela primeira vez na história, dois poetas discutiram economia tão ardorosamente. E fica em aberto a questão: Convém ou não o governo criar o fundo de Exaustão Mineral para cobrir os desastres futuros que nos trará esta atividade? (QUIRINO, 1987, p.4)

Por meio da leitura desse parágrafo, podemos observar que, diante das ideias expostas pelo autor, durante a conversa sobre a atividade mineradora nessa cidade, o amigo o aconselha a escrever a crônica e completa: “Não somos chamados mesmo de ‘habitantes das nuvens’ só por fazermos poesia. Se algum dia falarmos de temas econômicos estaremos fazendo algo de novo”. Desse modo, por meio da voz do amigo, percebemos que, ao usar o vocábulo “nefelibatas” no título da crônica, Quirino estava a fazer referência ao perfil alienado que é atribuído por alguns aos poetas. Já a expressão “fazer algo de novo” pode ser entendida como uma espécie de analogia à composição desta crônica, a qual deveria ser (posteriormente à conversa e por sugestão do amigo) articulada por Quirino. E ele finaliza o seu escrito reafirmando o seu questionamento sobre a validade da nova política proposta para a extração mineral, sobre a cidade de Mariana.

Nessa crônica evidencia-se a preocupação do autor com o futuro marianense. O cronista, o “nefelibata”, consegue, por meio de uma engenhosidade com as palavras, dar leveza ao assunto, mote da crônica, a orientação político-econômica da extração mineral em Mariana. Ele posiciona-se privilegiadamente em relação à situação corriqueira – o almoço – e por isso consegue se aproximar do leitor, trazendo o assunto; e, também, possibilitar-nos uma familiarização com o jogo literário que estabelece no texto. Quirino transforma aquela trivialidade momentânea no registro da memória de uma época vivida pela cidade de Mariana e que, ainda hoje, é fruto de reflexões. Assim,

somos convidados a vislumbrar um pedaço da memória marianense e de Minas Gerais, às quais está vinculada a extração do minério de ferro, nossa riqueza há muitas décadas.

### Referências bibliográficas

BIGNOTTO, Cilza; JAFFE, Noemi. *Crônica na sala de aula: material de apoio ao professor*. São Paulo: Itáu Cultural, 2007.

CANDIDO, Antônio et al. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Recortes*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, p.26-34, 2004.

HANSEN, João Adolfo. Drummond e o livro inútil. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, p.251, 2011.

MENEZES, William A; PERPÉTUA, Elzira Divina; MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Projeto Pró-ativa UFOP 2014-2015, *Organização do acervo de jornais marianenses do século XX para o ensino da língua portuguesa e literatura*, 2014 (inédito).

PERPÉTUA, Elzira Divina; MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Projeto Pró-ativa UFOP 2015, *Organização do acervo de jornais marianenses dos séculos XIX e XX para o ensino e pesquisa no curso de Letras e áreas afins*, 2015 (inédito).

PERPÉTUA, Elzira Divina. Projeto de pesquisa PIVIC-2015-2016, *Rastros da memória literária em crônicas dos jornais marianenses dos séculos XIX e XX*, 2015 (inédito).

SA, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1992.

QUIRINO, Israel. Nefelibatas: Habitantes das nuvens e política mineral das Gerais. In: *VOZ DE MARIANA*. Mariana: Geraldo da Silva Mayrink, nº00, p.4, abr. 1987.